



”O MARISCO JÁ É A PESCA DO PEIXE”: ABORDAGEM ETNOECOLÓGICA RELACIONADA ÀS INTERAÇÕES TRÓFICAS DE *ANOMALOCARDIA BRASILIANA* (GMELIN, 1791) (MOLLUSCA: BIVALVIA) EM MANGUE SECO, LITORAL NORTE DE PERNAMBUCO

Josivan Soares da Silva

Daniele Claudino Maciel

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia, Campus Dois Irmãos, Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n. Dois Irmãos, Recife PE E - mail: Josivan.biologia@gmail.com

INTRODUÇÃO

A etnoecologia busca analisar a interação ser humano/natureza e a forma de como as comunidades tradicionais se apropriam e utilizam os recursos naturais. Segundo Batista *et al.*, (2007) o diálogo da ciência com os saberes dessas populações locais podem resultar em modelos para a avaliação da estabilidade ecossistêmica e suas possíveis respostas às perturbações ambientais e antrópicas. De acordo com Odum (2001), de um modo geral, é comum às pessoas possuírem algum tipo de conhecimento sobre a ecologia trófica de alguns organismos, tendo em vista que o próprio ser humano também ocupa um lugar no fim ou perto do final da cadeia de produtos alimentares. Dentre os grupos de animais, os moluscos, especialmente os bivalves, se destacam na preferência como item alimentar. *Anomalocardia brasiliiana* é um bivalve pertencente à família Verenidae, amplamente distribuído desde as Índias Ocidentais até o Uruguai, e na costa brasileira desde o Pará até o Rio Grande do Sul (Rios, 1994). Em Pernambuco é considerado, o principal recurso pesqueiro dentre os bivalves (Oliveira, 2010).

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento local de marisqueiros sobre as interações tróficas de *Anomalocardia brasiliiana* da praia de Mangue Seco, Litoral

Norte de Pernambuco.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada no município de Igarassu, localizado no litoral norte de Pernambuco (07°50'03”S, 34°54'21”W), na praia de Mangue Seco (<http://www.pe-az.com.br>). A partir de contatos iniciais, foram selecionados informantes principais, através do método “bola de neve” proposto por Bailay (1982), no qual alguns informantes são previamente identificados e, após serem entrevistados são solicitados a indicar novos possíveis informantes para a pesquisa. As coletas de dados foram realizadas baseadas na “metodologia geradora de dados” (Posey, 1986), sendo seguida da aplicação de entrevistas livres semi-estruturadas, abordando questões relacionadas ao comportamento alimentar de *A. brasiliiana*. As entrevistas foram realizadas nos meses de fevereiro a abril de 2011. As informações foram registradas com auxílio de um gravador e caderneta de campo.

RESULTADOS

De acordo com os marisqueiros os itens utilizados na alimentação de *A. brasiliiana*, são em sua maioria de origem particulada, como “areia” e “lama”, sendo o “lodo” também citado como recurso alimentar da espécie (“É lama, areia...” “Come lama, come

areia, lodo...”). Essa relação habitat/hábito alimentar, também foi observada por Souto e Martins (2009) no Distrito Açupe BA, onde as marisqueiras também apontaram a lama e a areia como principal recurso ingerido pela espécie em estudo. Segundo Rodrigues *et al.*, (2010), a espécie apresenta um hábito alimentar cavador superficial. Essa forte ligação com o sedimento pode justificar a associação feita pelos marisqueiros sobre a alimentação de *A. brasiliiana*. Ainda segundo os marisqueiros os indivíduos de *A. brasiliiana* se alimentam também do “pó da água” ou “micum” da água, fazendo referência ao material em suspensão no mar (“*ele se alimenta do pó da água, do micum da água*”). Termos diferentes como: “salitre do mangue”, “caldo da maré” e também “escuma da água”, foram encontrados por Souto e Martins (2009) e Souto e Marques (2010), entre as marisqueiras de Açupe BA. Para Souto e Marques (2010) essa categoria alimentar pode estar relacionada com a presença de material orgânico e plâncton presente na água, tendo em vista que os bivalves, no momento de sua alimentação, ingerem grande quantidade de substâncias em suspensão (Narchi, 1974). Os informantes apontaram os peixes como os principais predadores de *A. brasiliiana*, “*O marisco já é a pesca do peixe*”, destacando - se entre o grupo o Baiacu (“*Só o baiacu come o marisco*”), e a arraia (“*a arraia mesmo num pode ver um marisco, é tudo alimentação*”). O baiacu também foi citado no estudo realizado por Souto e Martins (2009) como um dos principais predadores de *A. brasiliiana* em Açupe na Bahia. Este mesmo autor, através de análises laboratoriais em baiacus em 2004, constatou a presença de fragmentos de conchas de *A. brasiliiana*, o que corrobora com Szpilman (2000), que aponta os moluscos na dieta alimentar desses indivíduos. A informação de que a arraia se alimenta dos mariscos também foi percebida no estudo realizado por Mourão e Nordi (2003) no Estado da Paraíba. Szpilman (2000) assinala crustáceos, peixes e moluscos, como constituintes da teia trófica de diversas espécies de arraias, corroborando com as informações dos marisqueiros em Mangue Seco.

CONCLUSÃO

Os marisqueiros da Praia de Mangue Seco apresentam um amplo entendimento sobre o comportamento trófico de *A. brasiliiana* que, muitas vezes, correspondem ao científico. A compreensão sobre como esses organismos interagem no ambiente pode ser útil para aprimorar e promover maior eficácia na captura dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, K. D. 1982. Methods of social research. 2nd. ed, McMillan Publishers, The Free Press, New York, United States. 439 p
- BATISTA, V. S.; RIBEIRO, M. O. A.; FABRÉ, N. N. 2007. O conhecimento tradicional e a abordagem ecossistêmica no manejo da várzea na Amazônia. In: Moura, F. B. P. (org.). Conhecimento tradicional e estratégias de sobrevivência de populações brasileiras. v.1. 1ª ed. EDUFAL, Maceió, Brasil, p.104 - 119.
- Bernard, H.R. 2005. Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches. 4 ed. Altamira, Lanham. [HTTP://www.pe-azcom.br/municipios/igarassu.htm](http://www.pe-azcom.br/municipios/igarassu.htm), acesso: 18 de dezembro de 2010.
- MOURÃO, J. S.; NORDI, N.; Etnociologia de pescadores artesanais do estuário do rio Mamanguape, Paraíba, Brasil. 2003. Boletim Instituto de Pesca. Vol. 29(1). São Paulo. p. 9 - 17
- NARCHI, W. 1974. Aspectos ecológicos e adaptativos de alguns bivalves do litoral paulista. Papéis Avulsos Zool., 27: 235 - 262
- ODUM, E.G. 2001. Fundamentos de ecologia. Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian, 927p.
- OLIVEIRA, I. B. 2010. Estrutura populacional do marisco *Anomalocardia brasiliiana* (Gmelin, 1791) na praia de Mangue Seco, litoral norte de Pernambuco - Brasil. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- POSEY, D.A. 1986. Etnobiologia: teoria e prática. In Suma etnoecológica brasileira. (B. Ribeiro, ed.). Vozes, Petrópolis, p. 15 - 25.
- RIOS, E. C. 1994. Seashells of Brasil. 2. ed. Rio grande, RS: Editora da Fundação Universidade do Rio Grande, Segunda edição, 492p.
- RODRIGUES, A. M. L.; BORGES - AZEVEDO, C. M; HENRY - SILVA, G. G. 2010. Aspectos da biologia e ecologia do molusco bivalve *Anomalocardia brasiliiana* (Gmelin, 1791) (Bivalvia, Veneridae). Revista brasileira de Biociência, Porto Alegre, V.8(4): 377 - 383.
- SOUTO, F. J. B. 2004. A ciência que veio da lama. Uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano - manguezal na comunidade pesqueira de Açupe, Santo Amaro BA. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- SOUTO, F. J. B.; MARTINS, V. S. 2009. Conhecimentos etnoecológicos na mariscagem de moluscos bivalves no Manguezal do Distrito de Açupe, Santo Amaro BA. Biotemas, 22(4): 207 - 218.
- SOUTO, F. J. B; MARQUES, J. G. W. 2010. “A vida do grande é comer o pequeno”: Conhecimento sobre interações tróficas por pescadores artesanais no Manguezal de Açupe, Santo Amaro, Bahia. Revista de Gestão Costeira Integrada, Manguezais do Brasil, (2): 1 - 9
- SZPILMAN, M. 2000. Peixes marinhos do Brasil. Rio de Janeiro: M. Szpilman, 288p.